

CEDI

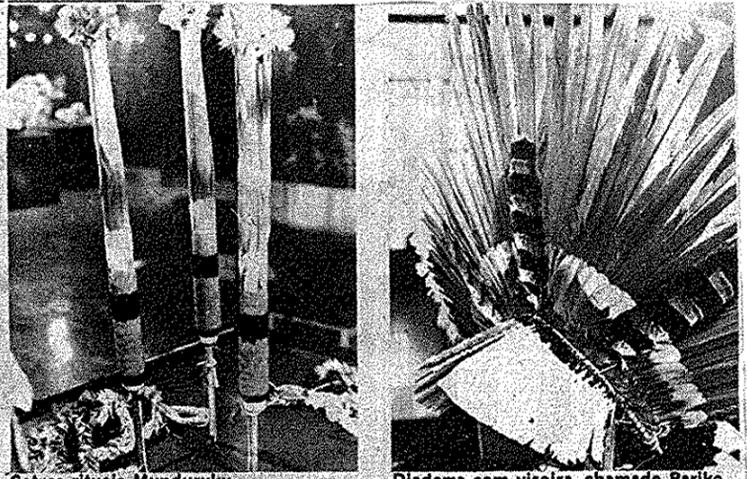
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 81X. Proc. Cultural

Data: 18/08/80 Pg.: 592

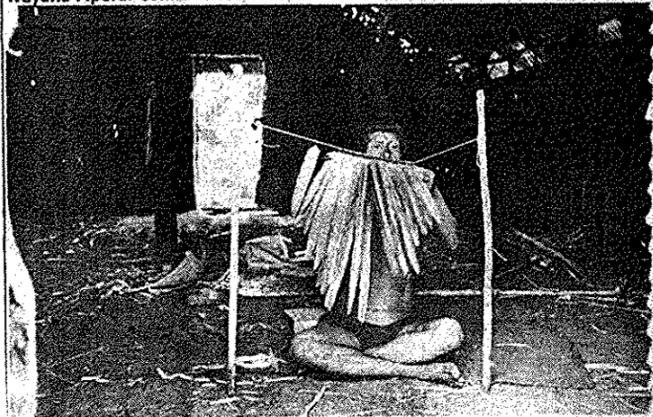


Wayana-Aparai com a máscara Orok

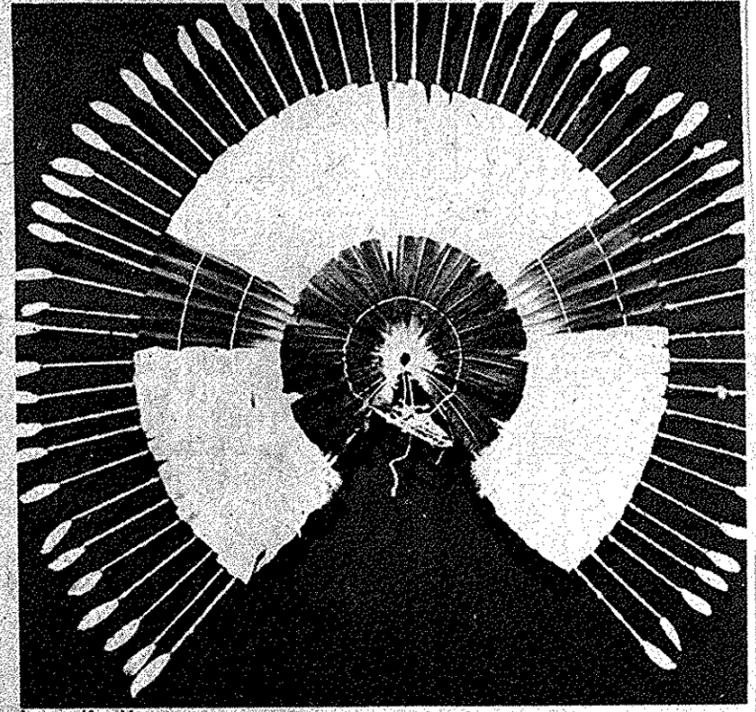


Cetros rituais Munduruku

Diadema com viselra, chamado Pariko.



Bororo: o diadema Pariko.



Leque Karajá

A arte das plumas

Veja a colorida e requintada arte plumária do Brasil, na exposição do MAM.

Até o início deste século, os índios munduruku usavam cetros muito coloridos nos suas cerimônias, feitos com as delicadas penas de mutum, arara-canga, araracandê e até as cobiçadas penas de arara vermelha. Hoje eles já perderam a memória do uso desses bastões e talvez os últimos exemplares sejam os três cetros que estão na exposição A Arte Plumária do Brasil, que ficará montada até 4 de setembro no Museu de Arte Moderna, no Ibirapuera, em frente ao prédio da Bienal.

Anos atrás, o crítico Mário Pedrosa pensou numa gigantesca exposição no Rio de Janeiro, sobre o índio brasileiro. No entanto, o MAM carioca pegou fogo e a iniciativa não foi levada adiante. Esta, por sua vez, é a primeira grande exposição inteiramente dedicada à arte plumária e, em grande parte a sua realização deve-se ao artista plástico Norberto Nicola. Com Sema Petragiani auxiliando a montagem e a coordenação científica da antropóloga Lux Vidal e das etnólogas Sônia Ferraro Dorta e Lúcia Husak van Velthem, foi possível obter peças de particulares e o empréstimo das coleções de quatro museus importantes, o Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu Paulista, Museu Nacional do Rio de Janeiro, e, ainda, o Museu Plínio Ayrosa, da USP. O espaço do MAM paulista teve as suas paredes pintadas de preto e boa iluminação está valorizando o espetáculo de mais de 350 cocares, armas, instrumentos musicais, labretes (usados nos lábios) e grampos de cabeça dos 39 grupos tribais do território brasileiro.

É impressionante como o uso das plumagens de diferentes aves transforma estes enfeites requintados num rigoroso código de informações, uma espécie de carteira de identidade plumária, que identifica o indígena dentro de seu contexto social e ainda acrescenta informações sobre os seus méritos pessoais, a situação tribal e em determinados casos, incluindo até referências aos seus antepassados.

Famílias tribais

— Os primeiros a estudar a plumária dos índios brasileiros, lembra a etnóloga Sônia Dorta, foram Berta e Darcy Ribeiro. Berta Ribeiro, além disso, foi a primeira a estabelecer uma classificação para os adornos plumários brasileiros que está sendo usada nas pesquisas mais recentes. Os grupos tribais

brasileiros podem ser divididos em duas grandes famílias, quando se estuda seu trabalho de plumária. A primeira família seriam os índios que associaram a plumária aos trançados e utilizam penas longas como as de garça, arara-vermelha ou gavião real sobre armações rígidas e o efeito é grandioso e imponente. Entre estes trabalhos temos os leques Karajá que são fixados no Oecipicio, isto é, a parte de trás da cabeça, como auréolas gigantesças, e também os trabalhos dos Tapirapé e dos Bororo.

Sônia Ferraro Dorta tem uma tese totalmente dedicada ao estudo de um diadema plumário dos Bororo do Mato Grosso e em seu trabalho procura mostrar a relação entre o aspecto formal de um objeto plumário e a sociedade bororo, que o fez. Ela estudou o diadema cerimonial que é chamado de Pariko, o mais representativo dos artefatos plumários desses índios.

— Pude comentar a forma do Pariko, que em muitos casos se inspira em formas da natureza, de diferentes folhas de plantas, que eles conhecem, e ainda verificar que existem diademas cuja forma geral lembra, em seu contorno, a silhueta do peixe pacu. Ao mesmo tempo, a divisão das cores e o uso de certas penas é rígido, pois representa o código de identificação social. Existem linhagens que têm direito a feiras de penas de arara vermelha. Outras têm direito a misturar arara vermelha e japu amarelo. Cada padrão variante corresponde a uma situação dentro da tribo e essa situação que está indicada num diadema também representa a realidade social, isto é, o índio deve morar com aquela linhagem e os pássaros de cujas penas ele usa no diadema, também são incorporados aos mitos de sua linhagem. O material não é escolhido simplesmente pela cor ou efeito visual.

Um grande diadema do tipo Pariko faz parte da exposição e Sônia realizou uma documentação fotográfica desses Bororo do Mato Grosso do Sul, mostrando que, mesmo com os eventuais contatos com o branco, a arte plumária é tão inerente à visão de mundo indígena, que ainda resiste sem alteração em seus desenhos e na sua simbologia.

Ritos de passagem

— Procuramos reunir peças fe-

presentativas de todos os grupos, ela continua, mas, para o público paulista, algumas peças podem despertar mais curiosidade. As peças plumárias do Xingu são mais conhecidas, porém a exposição inclui até objetos dos Yanoman, dos Tukano e dos Xikrin, e, também, dos índios guarani de São Paulo, de quem grande parte da população desconhece a existência.

Lúcia van Velthem, etnóloga do Museu Paraense Emílio Goeldi, está preparando uma tese sobre o repertório da cestaria dos índios Wayana-Aparai, quase desconhecidos e com poucos contatos com o branco. Destes índios, ela também trouxe para a exposição uma seleção de objetos que compõem a máscara Orok, para os ritos de iniciação que se chamam Okomoman.

— O que não se pode esquecer, lembra Lúcia, é que todos estes acessórios, diademas, braceiras, tangas, placas dorsais devem ser imaginados no corpo em movimento e não estáticos e isolados. O conjunto oferece uma simbologia rica, imediatamente apreendida pelos outros índios. Além disso, ao nível da forma, é importante observar a maneira sintética de articular todas essas formas.

Lux Vidal, que pesquisou os índios Xikrin, cedeu peças importantes para a exposição e o próprio Norberto Nicola também tem algumas peças, inclusive adereços dos índios Urubu, de forte tradição plumista.

— A segunda divisão de plumistas — explica Sônia Dorta — seriam aqueles índios que se distinguem pelo uso de penas pequenas, com montagens delicadas e com sutileza de nuances cromáticas. Neste caso, estariam os Urubu, Urubu-Kapor, Munduruku e os outros grupos Tupi.

Os Urubu-Kapor foram justamente o tema do primeiro estudo de plumária no Brasil, de Darcy e Berta Ribeiro. Curiosamente, estes índios já foram citados até em publicações internacionais, mas são pouco conhecidos no Brasil. Correspondiam aos remanescentes do idioma tupi que habitavam a costa ao tempo da descoberta do Brasil.

Foi feito um pequeno catálogo, contendo alguns ensaios sobre plumária com escassa documentação fotográfica.